

6

CAPÍTULO

FALARES SERGIPANOS

Raquel Meister Ko. Freitag

INTRODUÇÃO

Do ponto de vista teórico, a documentação linguística está atrelada à perspectiva da Sociolinguística, campo dos estudos linguísticos que busca estabelecer as relações entre língua e sociedade e classicamente toma como objeto de estudo a comunidade de fala, que não é um grupo de falantes que utiliza as mesmas formas linguísticas, mas um grupo que compartilha os mesmos valores associados aos usos da língua, o que pode ser observado, por exemplo, pelos julgamentos de valor (positivo ou negativo) atribuídos conscientemente pelos falantes aos usos linguísticos (LABOV, 1972).

Por outro lado, novas tendências de estudo da variação focam nas comunidades de prática, nas quais os indivíduos, ao escolherem pertencer a esta ou àquela comunidade, compartilham repertórios de práticas, dentre os quais as práticas linguísticas (ECKERT, 2012). A observação de comunidades de práticas permite identificar como as variantes linguísticas assumem significado social, possibilitando estabelecer relação mais direta entre língua e significado do que em um estudo baseado em uma comunidade de fala, que, dado o seu delineamento, não permite controlar as relações estabelecidas entre os falantes e suas implicações na dinâmica linguística.

O estudo da variação linguística como prática social requer, além da realização de análise quantitativa, a observação dos falantes em comunidades de prática. Nesse modelo de análise, a entrevista sociolinguística mostra-se instrumento relevante não apenas para coletar dados de fala, mas também para proceder a um primeiro diagnóstico dos grupos ou comunidades formadas em torno de um empreendimento comum. As narrativas de experiência pessoal favorecidas nas entrevistas sociolinguísticas fornecem pistas sobre a relação em rede (social) dos indivíduos e sobre os grupos em que se constituem as *personae* ou identidades sociais reconhecidas em uma localidade (ECKERT, 2012).

Assumindo a premissa de que a natureza das línguas é dinâmica, o procedimento de documentação visa o registro de um estado tal, temporal e espacialmente localizado, seja oral ou escrito. Com o avanço da tecnologia, para documentar um registro falado, hoje basta um dispositivo portátil de gravação de áudio. A facilidade tecnológica potencializa a documentação linguística, mas, para ter valor científico, o protocolo precisa ser estabelecido e padronizado permitindo o uso dos dados coletados para diferentes finalidades (Figura 1).



Figura 1: Finalidades da documentação sociolinguística.

A documentação linguística, em linhas gerais, refere-se ao procedimento de coleta, anotação, preservação e difusão de amostras de uma dada língua. É um procedimento tradicionalmente focado em uma única língua, minimizando os efeitos do contexto social e da variação linguística, com o objetivo de subsidiar a constituição de gramáticas, dicionários e outros instrumentos linguísticos (WOODBURY, 2011).

A documentação sociolinguística, por sua vez, agrega aos procedimentos tradicionais o arranjo social que subjaz ao contexto da geração dos dados documentados. Este tipo de documentação subsidia abordagens teóricas da Sociolinguística, como a variação linguística, as atitudes e ideologias linguísticas, os contextos de contatos linguísticos e multilinguismo, assim como permite ações de trabalho relacionadas às línguas, como políticas e planificação linguística e a proposição de atividades de manutenção linguística culturalmente responsáveis.

Para o estudo da variação linguística no contexto social, o protocolo da entrevista sociolinguística (LABOV, 1972) está estabelecido desde a década de 1960. Apesar de sua validade e ampla aceitação na comunidade acadêmica, limitações relacionadas especialmente ao papel do contexto social e ao monitoramento da fala restringem seu poder explanatório para lidar com questões relacionadas ao significado social da variação linguística. O fato de ser conduzida por um entrevistador, não necessariamente membro da comunidade, interfere no grau de monitoramento da fala do entrevistado na entrevista sociolinguística, o que pode ser minimizado com técnicas para reduzir os efeitos do paradoxo do observador, ou com o controle do entrevistado como um grupo de fator na análise variacionista. Por ser amplamente utilizado na pesquisa sociolinguística brasileira, uma documentação linguística que não prevê coletas seguindo este protocolo perde em poder explanatório, na medida em que não permitirá a realização de análises contrastivas (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012; FREITAG, ROST-SNICHELOTTO, 2015; FREITAG, 2016; FREITAG; SILVA; EVANGELISTA, 2017).

A documentação de conversação espontânea e a de eventos culturalmente significativos na comunidade também não são procedimentos livres do paradoxo do observador, na medida em que equipamentos estranhos ao contexto estarão inseridos (microfone, câmera, gravador de áudio etc.).

Além dos procedimentos de documentação linguística propriamente, para contemplar o contexto social, é preciso também coletar o máximo possível de dados biográficos dos sujeitos entrevistados/documentados, incluindo sua competência linguística, com testes de fluência em leitura, conhecimento de línguas e julgamentos acerca do seu e de outros falares complementarmente, estudos sobre a história e documentos oficiais são relevantes para entender a situação sociopolítica do sujeito entrevistado/documentado.

Estas premissas direcionam a constituição do banco de dados *Falares sergipanos*, que tem trazido contribuições para a descrição de usos linguísticos do português no Brasil, pelo viés da Sociolinguística e com o aprimoramento de ferramentas da linguística de *corpus*, com a etiquetagem e a automatização da extração de amostras linguísticas. A documentação linguística realizada contribui também para a salvaguarda da língua como patrimônio, bem difuso, assim como pode subsidiar o desenvolvimento de programas de ensino de língua materna (SIMÕES; MELO, 2008).

O banco de dados *Falares sergipanos* é uma base de documentação linguística ampla da variedade de português falado em Sergipe, que segue o protocolo da documentação sociolinguística, contemplando também dados conversacionais de eventos culturalmente significativos em uma dada comunidade (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012; FREITAG, 2013). Esta proposta de documentação visa permitir o estabelecimento das relações entre língua e cultura na comunidade.

METODOLOGIA DE COLETA

A metodologia de coleta do banco de dados *Falares sergipanos* segue dois direcionamentos: a realização de entrevistas sociolinguísticas nos moldes labovianos, com estratificação sociodemográfica homogeneizada, e a documentação linguística de uma comunidade de práticas, em que a estratificação sociodemográfica da amostra é heterogênea (CAAE 0386. 0. 107. 000-11).

Por se tratar de um trabalho de coleta que independe do pesquisador de campo, que está à mercê do sujeito entrevistado/documentado em termos de disponibilidade e intenção, nem sempre as prospecções de coleta planejadas são efetivadas. Nesta etapa de desenvolvimento do projeto de documentação linguística foram executadas as documentações nas comunidades de Itabaiana, Aracaju e Lagarto, restando a realizar a documentação nas comunidades de Estância, Propriá e Canindé do São Francisco, no estado de Sergipe, nordeste do Brasil.

A documentação linguística de Itabaiana, com a constituição de amostra de entrevistas sociolinguísticas, é resultado do desenvolvimento do projeto “Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana/SE: funções e formas concorrentes” (Edital FAP/SE FAPITEC 06/2009 e Edital MCT/CNPq/MEC/Capes 02/2010), que descreveu processos de variação e mudança linguística envolvendo formas verbais relacionadas à expressão do tempo passado.

Já a documentação linguística de Lagarto e Aracaju é resultado do desenvolvimento do projeto “Da expressividade da língua ao mal na literatura: base de pesquisas interinstitucionais do PPGL/UFS” (Edital PROMOB FAPITEC/Capes06/2012). As amostras de comunidades de práticas, considerando eventos cul-

turalmente significativos mediados pelas relações de gênero, são resultados do desenvolvimento do projeto “Mulheres, linguagem e poder: Estudos de gênero na sociolinguística brasileira” (Edital MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA 32/2012). Este projeto também permitiu o desenvolvimento de metodologias de coleta alternativas, especialmente considerando o papel sociopessoal dos sujeitos entrevistados/documentados (ARAUJO; SANTOS; FREITAG, 2014).

As documentações de campo foram realizadas com gravadores Marantz modelo PMD 661, com tecnologia *solidstate* (OLIVEIRA, Jr., 2014), com taxa de gravação de 24 bits/96kHz. As amostras linguísticas coletadas passaram pelo processo de validação e de transcrição de oitiva (impressiônica), com o uso do *software* ELAN (OUSHIRO, 2014). Este software permite diferentes níveis de codificação da informação linguística, incluindo a etiquetagem (EVANGELISTA; SANTANA; FREITAG, 2014).

PRIMEIROS RESULTADOS

O banco de dados *Falares sergipanos* tem contribuído para a descrição do português falado no Brasil. Em relação ao paradigma verbal, a partir da investigação da amostra de entrevistas sociolinguísticas de Itabaiana, foram investigados o uso e a regularização das formas relacionadas à expressão do valor semântico-discursivo de passado condicional (FREITAG; ARAUJO, 2011, 2012; FREITAG; ARAUJO; BARRETO, 2013). A análise considera a emergência de formas (via gramaticalização) e a regularização do uso (via mudança linguística). Os resultados apontam para arranjos linguísticos específicos que possibilitam a variação entre as formas de expressão do passado condicional no português falado no Brasil, evidenciando tendência de especialização de formas em certos contextos de uso, indiciando um processo (ainda incipiente) de gramaticalização no domínio do passado condicional.

O aspecto habitual pressupõe uma iteração mais ou menos regular de uma situação, de tal modo que o hábito resultante é considerado como uma propriedade de caracterização de uma dada entidade (FREITAG, 2011; FREITAG; ARAUJO; BARRETO, 2013; BARRETO; FREITAG, 2014). No português do Brasil, o aspecto habitual pode ser expresso pelas formas verbais de pretérito imperfeito e de pretérito perfeito, no entanto cada forma está associada a contextos de uso específicos. Os dados quantitativos sugerem trajetórias de mudança que pressupõem estágios de menor estabilidade do sistema, na medida em que ocorre a sobreposição de formas para o desempenho de uma mesma função: a expressão do aspecto habitual. Verbos estativos favorecem a emergência do aspecto habitual em interação com pretérito perfeito devido ao seu traço (– dinâmico) e pela presença do modificador aspectual. Em contrapartida, verbos de atividade favorecem o

aspecto habitual em interação com pretérito imperfeito e, em alguns casos, com a presença de um modificador aspectual, por compartilharem o traço (+ dinâmico).

A amostra também permitiu o desenvolvimento de uma árvore de decisão para a etiquetagem semântico-discursiva de verbos, considerando as noções de tempo, aspecto e modalidade (FREITAG; ARAUJO; BARRETO, 2013).

A coleta de dados em comunidades de práticas permite identificar relações estabelecidas entre linguagem e relações de gênero. Na comunidade de cunho religioso, o *Praesidium* Mãe da Divina Graça da Legião de Maria (católica), situada na zona rural, no povoado Açuzinho, um dos mais de 100 povoados do município de Lagarto, no centro-sul do estado de Sergipe (FREITAG; SANTANA; ANDRADE, 2014), foram realizadas entrevistas para coletar informações acerca da constituição da comunidade, além de investigação documental em atas e livros de registro. Foram documentadas quatro reuniões, cada uma com cerca de 90 minutos de duração, e sete entrevistas, com 50-60 minutos cada uma, totalizando aproximadamente 10 horas de gravação. O critério de seleção das entrevistas foi o fato de os sujeitos serem membros ativos na comunidade, manifestando-se oralmente nas reuniões.

A comunidade é constituída por uma hierarquia que integra doze mulheres e um representante masculino, sendo grande parte idosas e com baixa escolarização. A investigação das formas de tratamento e seu uso na comunidade mostraram que há distinção especial para a forma usada pelas mulheres em relação ao representante masculino “Seu Edvaldo”. Esta abordagem permitiu o desvelamento do modo como os significados sociais de poder se vinculam localmente às formas linguísticas (SANTANA; ANDRADE; FREITAG, 2015).

A comunidade também mostrou-se produtiva para a análise do fenômeno variável da palatalização de oclusivas alveolares em ambiente seguinte a glide palatal, permitindo a observação das motivações para a escolha das variantes, que estão fortemente correlacionadas aos fatores linguísticos, sociais e estilísticos, o que releva a importância do controle minucioso do contexto na análise de um fenômeno no nível fonético-fonológico (FREITAG, 2015a, b).

A comunidade de práticas do Pibid de Matemática da UFS é um grupo constituído por jovens, entre homens e mulheres, com idades de 20 a 27 anos; universitários, cursando entre o 6º e o 10º período da graduação. As discussões do grupo giram em torno de assuntos referentes a ensino, educação, profissão, universidade etc. Os membros dessa comunidade residem em diferentes municípios da grande Aracaju (Laranjeiras, Nossa Senhora do Socorro, Aracaju e São Cristóvão), porém passam a maior parte do tempo no município de São Cristóvão, no bairro Rosa Elze, zona urbana, onde fica localizada a Universidade e as escolas onde as atividades do Pibid são desenvolvidas. Foram realizadas 20 gravações, 5

das reuniões do grupo, com aproximadamente 3 horas de duração, e 15 entrevistas sociolinguísticas individuais.

A variação estilística e a identidade recentemente têm sido objeto de investigação na Sociolinguística (ECKERT, 2000), com o estudo da atribuição de um valor social em um grupo específico a determinados fenômenos sociolinguísticos em comunidades de práticas, conferindo marca de identidade. As nuances de polidez decorrentes das relações entre sexo/gênero em fenômenos variáveis (FREITAG, 2015a) necessitam de uma estratégia específica de coleta (FREITAG, 2015b); é com esta perspectiva que foi constituída uma amostra específica para captar o valor de polidez, a amostra de fala *Rede Social de Informantes Universitários de Itabaiana/SE* (ARAUJO; SANTOS; FREITAG, 2014). Esta amostra é composta por interações conduzidas a partir de grupos focais – os próprios informantes conduzem a interação – constituídos especificamente para captar as nuances de polidez, o que permitiu evidenciar que há diferenças linguísticas quanto à distância social e ao sexo/gênero.

A forma de futuro do pretérito, em português, está relacionada com a expressão da polidez, função que é inclusive descrita em compêndios gramaticais. A análise da ocorrência desta forma verbal foi realizada em uma amostra de fala constituída para captar os efeitos de polidez (ARAUJO; FREITAG, 2015). Os resultados apontam que os homens, quando estão com domínio do tópico discursivo, tendem a utilizar mais a forma verbal de futuro do pretérito com referência temporal presente, o valor temporal mais relacionado à preservação das faces. E quanto menos impositivo o tópico discursivo, mais recorrente foi o uso do futuro do pretérito com referência temporal presente, em contextos que se caracterizam como comentário/contextualização do tópico. O uso de procedimentos de coleta focalizando os efeitos pragmáticos e sociolinguísticos para captar os efeitos de polidez permitiu evidenciar que há diferenças em relação ao uso do futuro do pretérito como função de polidez quanto à distância social e ao sexo/gênero.

No paradigma pronominal do português falado no Brasil, há duas formas de referência à 1ª pessoa do plural: as formas *nós* e *a gente*. Tal alternância de referência à 1ª pessoa do plural, já estudada do ponto de vista sociolinguístico, pode ser verificada também por meio dos estudos pragmáticos (SANTOS; FREITAG, 2016; MENDONÇA; FREITAG, 2016). Para a análise, foram utilizadas duas amostras: uma constituída especialmente para captar as nuances de polidez (ARAUJO; SANTOS; FREITAG, 2014), e outra constituída por entrevistas sociolinguísticas. O controle dos fatores relacionados à polidez (distância social, poder relativo e o custo da imposição) e também do fator sexo/gênero permitiu identificar tendências de uso das formas *a gente* e *nós* que indicam especificidades pragmáticas, especialmente para os homens, que apresentaram resultados mais polarizados para as formas em contextos de maior polidez. A influência de con-

textos mais polidos e contextos menos polidos na frequência de uso das formas nós e a gente na expressão da 1ª pessoa do plural ratifica a importância de se considerar os fatores pragmáticos na análise sociolinguística, além de verificar os efeitos pragmáticos do tipo de coleta de dados (MENDONÇA; FREITAG, 2016).

Ainda em relação ao paradigma pronominal, nesta mesma amostra, foram analisados os efeitos do gênero/sexo nas estratégias de indeterminação do sujeito, consideradas como estratégias de polidez. Tais estratégias incluem o uso das formas *a gente, você, eles, nós, eu*, 3ª pessoa, construções com *se*, infinitivo e forma nominais; nesse caso, a forma pronominal *você* é a mais utilizada por homens e nas interações entre homens; seguida por *a gente*, mais usada por mulheres e nas interações entre mulheres (MENDONÇA; NASCIMENTO, 2015).

Os resultados de estudos que focam fenômenos de natureza morfossintática e que consideram os valores de polidez entre os interlocutores apontam para a mudança de estilo do falante em resposta à acomodação na relação com o interlocutor; trata-se de uma tendência recente nos estudos sociolinguísticos (OLIVA; SERRANO, 2013).

A ampliação da análise para o comportamento de variáveis do tipo estereótipos (traços socialmente marcados de forma consciente), marcadores (traços linguísticos social e estilisticamente estratificados, que produzem respostas regulares em testes de reação subjetiva) e indicadores (traços socialmente estratificados, mas não sujeitos à variação estilística, com pouca força avaliativa) (LABOV, 1972), quanto aos efeitos de polidez, pode permitir a construção linguística identitária de um grupo, pois possibilita a identificação dos valores de polidez associados a cada uma das variantes.

O valor associado às variantes pode ser mensurado em nível contrastivo mais amplo, em cotejamento à percepção de outras variedades do português (FREITAG et alii, 2015, 2016) ou quanto à própria variedade (FREITAG; SANTOS, 2016).

CONCLUSÃO

No estágio atual de desenvolvimento do banco de dados *Falares sergipanos*, é possível evidenciar uma proposta de tratamento dos dados linguísticos que contempla a dinâmica da polidez no escopo do modelo da Sociolinguística, contribuindo para os estudos sobre o funcionamento do português brasileiro a partir da consideração dos efeitos de polidez e do gênero, seja na estabilização da norma culta, seja na inovação no processo de mudança linguística.

O desenvolvimento do banco de dados tem contribuído para a definição da construção linguística da identidade do falar sergipano em relação a questões de polidez, sexo/gênero, escolarização e faixa etária.

AGRADECIMENTOS

Fapitec, Capes e CNPq pelo financiamento dos projetos “Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana/SE: funções e formas concorrentes (Edital FAP/SEFAPITEC 06/2009 e Edital MCT/CNPq/MEC/Capes 02/2010); “Da expressividade da língua ao mal na literatura: base de pesquisas interinstitucionais do PPGL/UFS” (Edital PROMOB/FAPITEC/Capes/06/2012), “Mulheres, linguagem e poder: Estudos de gênero na sociolinguística brasileira” (Edital MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA 32/2012); e “Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil” Edital CNPq 14/2013 – Faixa C).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, Andreia Silva, FREITAG, Raquel Meister Ko. A forma de futuro do pretérito no português do Brasil e a função de polidez. *Forma y Función*, n. 28, v. 1, p. 79-97, 2015.
- ARAUJO, Andreia Silva, FREITAG, Raquel Meister Ko. O funcionamento dos planos discursivos em textos narrativos e opinativos: um estudo da atuação do domínio aspectual. *Signum: estudos da linguagem*, v. 15, n. 1, p. 57-76, 2012.
- ARAUJO, Andreia Silva, SANTOS, Kelly Carine dos; FREITAG, Raquel Meister Ko. Redes sociais, variação linguística e polidez: procedimentos de coleta de dados. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blücher, 2014, p. 99-116.
- BARRETO, Eccia Alécia, FREITAG, Raquel Meister Ko. A expressão do aspecto habitual. *Diacrítica*, v. 28, n. 1, p. 253-282, 2014.
- ECKERT, Penelope. *Language variation as social practice*. New York: Wiley-Blackwell, 2000.
- ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.
- EVANGELISTA, Flávia Regina de Santana, SANTANA, Rebeca Rodrigues, FREITAG, Raquel Meister Ko. Performance of automatic processing of verbs in Brazilian Portuguese by the labelers Treetagger and Automatic Parse. *Nucleus*, v. 11, n. 1, p. 207-216, 2014.
- FREITAG, Raquel Meister Ko, ARAUJO, Andreia Silva, BARRETO, Eccia Alécia. Emergência e regularização de usos em categorias verbais do português: gradações de modalidade nos valores condicional, iminencial e habitual no domínio do passado imperfectivo. *Revista do Gelne*, v. 15, n. 1, p. 99-122, 2013.
- FREITAG, Raquel Meister Ko, ARAUJO, Andreia Silva. O passado condicional: formas e contextos de uso. *Calígrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 16, n. 2, p. 199-228, 2011.
- FREITAG, Raquel Meister Ko, SANTANA, Cristiane Conceição, ANDRADE, Thaís Regina Conceição. Práticas constitutivas do Povoado Açuzinho. *Ambivalências*, n. 2, v. 1, p. 194-217, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko, SEVERO, Cristine Gorski (Org.). *Mulheres, linguagem e poder* – Estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blücher, 2015a, p. 17-74.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Aspecto inerente e passado imperfectivo no português: atuação dos princípios da persistência e da marcação. *Alfa*, v. 55, n. 2, p. 477-500, 2011.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados falares sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 1, p. 156-164, 2013.

FREITAG, Raquel Meister Ko. SILVA, Rosangela Barros da; EVANGELISTA, Flávia Regina Conceição. Marcadores discursivos interacionais: diferentes metodologias, diferentes resultados diacrítica, v. 31, n. 1, p. 55-74, 2017.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Socio-stylistic aspects of linguistic variation: schooling and monitoring effects. *ActaScientiarum. Language and Culture*, n. 37, v. 2, p. 127-136, 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 58, p. 445-460, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko, MARTINS, Marco Antonio, TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

FREITAG, Raquel Meister Ko, ROST-SNICHELOTTO, Claudia Andrea. Análises contrastivas: estabilidade, variedade ou metodologia? *Working Papers em Linguística*, n. 16, v. 1, p. 157-167, 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SANTOS, Adelmileise de Oliveira. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de; FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.). *A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blucher, 2016, p. 109-122.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski; ROST-SNICHELOTTO, Claudia Andréa; TAVARES, Maria Alice como os Brasileiros Acham que Falam? Percepções Sociolinguísticas de Universitários do Sul e do Nordeste. *Revista Todas as Letras*, v. 18, p. 64-84, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski; ROST-SNICHELOTTO, Claudia Andréa; TAVARES, Maria Alice como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. *Signo y Señá – Revista del Instituto de Linguística*, v. 28, p. 65-87, 2015.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

MENDONÇA, Josilene de Jesus, NASCIMENTO, Jaqueline dos Santos. Estratégias de indeterminação do sujeito: polidez e relações de gênero. In: FREITAG, Raquel Meister Ko, SEVERO, Cristine Gorski (Org.). *Mulheres, linguagem e poder* – Estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blücher, 2015, p. 225-238.

MENDONÇA, Josilene de Jesus; FREITAG, Raquel Meister Ko. Primeira pessoa do plural com referência genérica e a polidez linguística. *Revista Soletras*, v. 31, p. 39-57, 2016.

OLIVA, M. A., SERRANO, M. J. *Style in Syntax: Investigating Variation in Spanish Pronoun Subjects*. Berlin: Peterlang, 2013.

OLIVEIRA Jr., Miguel. Aspectos técnicos na coleta de dados linguísticos orais. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blücher, 2014, p. 19-26.

OUSHIRO, Livia. Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o Elan. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blücher, 2014, p. 117-132.

SANTANA, Cristiane Conceição, ANDRADE, Thaís Regina Conceição, FREITAG, Raquel Meister Ko. Relações de gênero e formas de tratamento em uma comunidade religiosa. In: FREITAG, Raquel Meister Ko, SEVERO, Cristine Gorski (Org.). *Mulheres, linguagem e poder – Estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blücher, 2015, p. 254-266.

SANTOS, Kelly Carine dos; FREITAG, Raquel Meister Ko. Efeitos de polidez na variação na primeira pessoa do plural. *Veredas*, v. 19, p. 136-159, 2016.

SIMÕES, Darcília, MELO, E. M. A relevância dos bancos de dados para o ensino da língua portuguesa. *Prolíngua*, n. 2, v. 2, p. 12-24, 2008.

WOODBURY, A. C. Language documentation. In: AUSTIN, P. K., SALLABANK, J. (Org.). *The Cambridge handbook of endangered languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011; p. 159-186.

